

## Ciclo de Vida das Empresas, *Book-Tax Differences* e a Persistência nos Lucros

### Resumo

O presente trabalho tem como objetivo mostrar se o ciclo de vida explica a relação entre os *Book-Tax Differences* (BTDs) e a persistência nos lucros, bem como informar sobre os ganhos futuros e sua relação com os BTDs. Para isso, foram feitos testes univariados, com a finalidade de verificar as diferenças entre as médias dos BTDs, dos estágios do ciclo de vida e o coeficiente de regressão para o Lucro Antes do Imposto de Renda (Lair). O foco de estudo foram as empresas brasileiras abertas no período de 2009 a 2013. Os resultados indicaram a existência da relação entre o controle da persistência nos lucros e os estágios do ciclo de vida. Documenta-se que existe uma relevância informacional do ciclo de vida e os *Book-Tax Differences* para a persistência nos lucros. Conclui-se que se deve incluir o ciclo de vida da empresa na análise da relação entre os BTDs e a persistência nos lucros. As evidências aqui documentadas são cruciais para a identificação da qualidade dos lucros, bem como para sua incorporação em modelos de avaliação de lucros.

**Palavras-chave:** Ciclo de vida. Book-tax differences.  
Persistências nos lucros.

### Antonio Lopo Martinez

Doutor em Controladoria e Contabilidade pela Universidade de São Paulo (USP) e Professor-associado da Fucape Business School. **Contato:** Av. Fernando Ferrari, 1.358. Bairro Boa Vista. Vitória – ES, CEP.: 29075-505

**E-mail:** [lopo@fucape.br](mailto:lopo@fucape.br)

### Márcio Bassetti

Mestre em Ciências Contábeis pela Fucape Business School e Professor na Faculdade Capixaba de Nova Venécia. **Contato:** R. Jacobina, 165. Bairro São Francisco. Nova Valência-ES. CEP.: 29830-000

**E-mail:** [marciobassetti@ig.com](mailto:marciobassetti@ig.com)

## 1. Introdução

O estudo parte da premissa de que as informações relativas ao ciclo de vida das empresas são cruciais para a compreensão dos requisitos para qualidade dos lucros. Por sua vez, sabe-se que, com base nas informações contábeis, é possível identificar em que estágio do ciclo de vida encontra-se determinada empresa. Esse ciclo possui fases distintas que resultam em alteração de padrões de fluxo de caixa, decorrentes de atividades estratégicas desenvolvidas por uma empresa (Dickinson, 2011).

Um meio eficiente e econômico para identificação do estágio no ciclo de vida da empresa é a utilização dos padrões de fluxo de caixa. Os padrões fornecem indicadores do estágio do ciclo de vida em distribuições uniformes. O Retorno sobre o Ativo (ROA) e a margem de lucro são exemplos desses padrões (Dickinson, 2011).

Segundo Drake (2013), a literatura busca encontrar uma melhor explicação para a associação entre *Book-Tax Differences* (BTDs) e a persistências nos lucros. A compreensão dessa relação é atraente para os investigadores e investidores, pois, empiricamente, sabe-se que os BTDs têm poder explicativo sobre a qualidade da informação contábil.

Ferreira, Martinez, Costa e Passamani (2012) demonstram que os resultados contábeis provocam alterações nas percepções de investidores, auditores, reguladores e demais utilizadores das informações contábeis. Os *Book-Tax Differences* ajudam os investidores a estimar e avaliar a importância das demonstrações financeiras, ao mesmo tempo em que propiciam aos reguladores a realização de um controle mais orientado, de acordo com as características dos BTDs da companhia.

A análise das demonstrações contábeis relaciona o fluxo de caixa, o estágio do ciclo de vida da empresa, as diferenças entre lucros contábeis e lucros tributários (BTDs) e a persistência nos lucros, na elaboração de prognósticos sobre determinada firma. Esse tema é debatido nos Estados Unidos (EUA), a partir da década de 1990. No Brasil, esse assunto começou a ser discutido com o trabalho de Passamani, Martinez e Teixeira (2012). Recentemente, inclui-se, na análise, o ciclo de vida. Destacam-se nessa linha os estudos de Dickinson, (2011), Drake (2013) e Atwood, Drake e Myers, (2010).

De acordo com Drake (2013), os BTDs decorrem de vários fatores, incluindo as diferenças inerentes entre o lucro tributário e o lucro contábil. A autora também confirma que a teoria do Ciclo de Vida proporciona uma explicação parcial para o porquê dos BTDs estarem associadas aos retornos futuros.

O presente estudo busca responder à seguinte questão de pesquisa: **O ciclo de vida da empresa explica a relação entre os *Book-Tax Differences* e a persistências nos lucros?** Assim, o objetivo desse trabalho é: diagnosticar os BTDs das empresas brasileiras, fundamentando-se nos estudos de Hanlon (2005), Dickinson (2011) e Drake (2013); e, adicionalmente, verificar se o ciclo de vida explica parcialmente a relação entre os *Book-Tax Differences* e a persistência nos lucros, documentados nos estudos de Drake (2013). Como objetivos específicos têm-se: i) analisar os BTDs nos ciclos de vida de uma empresa; ii) verificar as persistências nos lucros nos estágios do ciclo de vida; e iii) analisar a relação entre grandes BTDs e a persistência nos lucros nos estágios do ciclo de vida, baseando-se no estudo de Drake (2013).

De acordo com as diferentes fases do ciclo de vida, observa-se uma relação não linear entre BTDs e os ciclos de vida da empresa. Assim, conforme o trabalho de Drake (2013), formulam-se como hipóteses:

- H1a:** Durante as fases de introdução e crescimento do ciclo de vida da empresa, a diferença entre o lucro contábil antes dos impostos (Lair) e o lucro tributável é maior do que durante a fase madura (BTDs positivos);
- H1b:** Durante as fases de estagnação e declínio do ciclo de vida de uma empresa, a diferença entre o lucro contábil antes do imposto e o lucro tributável será menor durante a fase madura (BTDs negativos).

Por outro lado, quando os BTDs variam, previsivelmente, por meio do estágio de ciclo de vida, tanto os BTDs como o estágio de ciclo de vida estarão associados à persistência de lucros. Nesse sentido, propõe-se a seguinte hipótese:

**H2:** Controlando o efeito do ciclo de vida da empresa na persistência dos lucros, enfraquecerão as relações entre grandes diferenças de lucros contábeis e lucros tributários positivos e grandes diferenças entre lucros contábeis e lucros tributários e baixa persistência nos lucros.

Ressalta-se que o resultado deste estudo pode ser potencialmente instrutivo, tanto para os profissionais (investidores, credores, analistas, auditores e reguladores) quanto para os pesquisadores nos seguintes contextos: (1) para uma melhor avaliação das taxas de crescimento e previsão de horizontes, em modelos de avaliação; (2) para compreender melhor como fundamentos econômicos afetam as propriedades de nível de convergência de rentabilidade futura; (3) para identificar as empresas com potenciais fatores de risco, com base em diferenças de estágios do ciclo de vida; e (4) para identificar uma variável de controle para distintas características econômicas, relacionadas ao ciclo de vida das empresas e que possam afetar o seu desempenho (Dickinson, 2011).

Assim, este trabalho apresenta uma revisão da literatura sobre a importância informacional dos BTDs, seguida da exposição da base de dados, hipóteses e modelos adaptados para as empresas brasileiras. Na sequência, as análises são apresentadas. Encerra-se o estudo com a exposição das principais descobertas e as recomendações para possíveis estudos futuros.

## 2. Referencial Teórico

### 2.1 Ciclo de Vida da Empresa

Os primeiros pesquisadores a apresentarem um estudo financeiro contábil sobre a utilização do ciclo de vida de uma empresa foram Anthony e Ramesch (1992). Eles buscaram explicar o desempenho do mercado em função do ciclo de vida. No entanto, seu período de amostragem terminou antes que a demonstração dos fluxos de caixa se tornasse mandatória.

Drake (2013) esclarece que a teoria do Ciclo de Vida de uma empresa descreve a forma como ela cresce, amadurece e declina, diferentemente do que é o Ciclo de Vida de um produto, que se concentra nos bens e serviços e como seria recebido pelo mercado. O objetivo de se estudar o ciclo de vida é fazer uma análise do quadro de variáveis, entre essas, os incentivos e as estratégias ao longo das fases de vida da empresa. Em resumo, o ciclo de vida fornece o quadro econômico alternativo para o estudo e análise das empresas.

Para Jenkins, Kane e Velury (2004), os diferentes estágios do seu ciclo de vida têm papel fundamental na definição da qualidade da informação contábil. Os estágios do ciclo de vida da empresa seriam: (i) o crescimento; (ii) a maturidade; e (iii) a estagnação.

Dickinson (2011) identifica cinco fases do ciclo de vida de uma empresa: fase de introdução; fase de crescimento; fase de maturidade; fase de turbulência (*shake-out*); e fase de declínio. Esses ciclos são atribuídos aos períodos de anos das empresas, identificados por meio dos sinais dos componentes da demonstração do fluxo de caixa. Usando essa medida, a autora documenta a variação esperada nas medidas de desempenho da empresa (margem de lucro, a persistência dos lucros e giro do ativo), em todos os estágios do ciclo de vida de uma empresa, e compara as persistências dos lucros com o estágio do ciclo de vida de uma empresa e da convergência da rentabilidade dos lucros, identificando o retorno sobre os ativos operacionais líquidos.

Drake (2013) procura expandir a literatura sobre o ciclo de vida, examinando a relação entre o ciclo de vida de uma empresa e os *Book-Tax Differences*, sendo que este estudo examina vários pontos como: as estratégias, os incentivos e o retorno de ações.

## 2.2 *Book-Tax Differences*

O trabalho de Ferreira *et al.* (2012) mostra a relação entre dois temas relevantes discutidos na literatura contábil: o gerenciamento de resultados (*earnings management*) e o *Book-Tax Differences* – divergência existente entre o lucro tributável e o lucro contábil. Os autores afirmam que o gerenciamento de resultados está associado a práticas discricionárias utilizadas pelo gestor no intuito de direcionar a informação contábil, de acordo com os incentivos tributários e econômicos. Já os BTDs estão basicamente relacionados à diferença existente entre a norma contábil e a norma tributária.

As empresas relatam resultados contábeis para os investidores, de acordo com Gaap (Princípios Contábeis, geralmente aceitos), e às autoridades fiscais, com base em regulamentos estabelecidos por lei. Uma das características dos princípios contábeis Gaap é o conservadorismo, isto é, reconhecendo perdas quando provável e mensurável, usando estimativas e uma visão futura para estabelecer reservas (Drake, 2013).

Heltzer (2009) analisou a possibilidade de as variações nos BTDs revelarem características conservadoras nos relatórios contábeis, fracionando o conservadorismo em condicionais (condicionado a um evento econômico) e em incondicionais (não condicionado a um evento econômico). As amostras indicam que uma proporção entre BTDs e conservadorismo variam de acordo com o valor dos BTDs. Companhias com BTDs positivos (negativos) são menos (mais) dispostas a reconhecer, devidamente, perdas (ganhos) nos lucros contábeis e, assim, apresentam pouca qualidade no lucro.

Há vários motivos para as diferenças entre o resultado tributário e o contábil, incluindo, entre outros, que as regras contábeis, geralmente, são baseadas no conservadorismo e nos seus princípios, e, por sua vez, a contabilidade fiscal fundamenta-se, primordialmente, na capacidade de pagamento, conforme descrito por Atwood *et al.* (2010).

Drake (2013) relata que, além das exigências nos diferentes relatórios de cada sistema, os BTDs são afetados pelos ciclos de lucros das empresas, que definem suas posturas em termos de planejamento estratégico. As diferenças inerentes entre o resultado tributário e os resultados contábeis divulgados para acionistas e outros usuários externos fazem surgir o BTDs. Pesquisadores têm dificuldades para interpretar o significado econômico dos BTDs das empresas e os meios de relacioná-los com os lucros futuros.

As diferenças temporais comuns entre as regras contábeis e fiscais impactam a persistências dos lucros. As diferenças dão origem a BTDs positivos, em que o lucro contábil é maior do que o lucro tributável; ou BTDs negativos que apresentam lucro tributável maior do que a renda do livro fiscal (Raedy, Seidman & Shackelford, 2011).

Portanto, os BTDs podem ser compostos por duas variáveis: (i) diferenças normais, provenientes do desalinhamento dos conjuntos de normas contábeis e tributárias; e (ii) diferenças anormais por práticas discricionárias dos gestores (práticas de gerenciamento sobre o lucro contábil e/ou práticas de gerenciamento sobre o lucro tributável) (Ferreira *et al.*, 2012).

As empresas se envolvem em atividades operacionais e financeiras fundamentalmente diferentes, dependendo do seu estágio do ciclo de vida e, por causa dessas atividades, os relatórios financeiros e fiscais são impactados desigualmente. Deste modo, é razoável antecipar que os BTDs irão mudar ao longo do ciclo de vida de uma empresa. Nesse sentido, o ciclo de vida deve explicar, em parte, a variação de persistência dos lucros por meio dos BTDs (Drake, 2013).

## 2.3 Persistências nos Lucros

Uma investigação realizada entre grandes *Book-Tax Differences*, tanto positivos quanto negativos, e a persistência nos lucros verificou que esses são menos persistentes do que o lucro das empresas com pequenos BTDs (Hanlon, 2005). Segundo Dickinson (2011), a utilização da persistência dos lucros como meio para validar o fluxo de classificação do ciclo de vida de componentes de caixa levanta a hipótese de que o estágio maduro é associado com o mais alto nível de persistência do lucro. A autora descreve ainda que todas as outras

fases são negativamente relacionadas com futuras mudanças na rentabilidade, sendo seus resultados consistentes com a relevância do ciclo de vida. Criar um *link* entre a estratégia da empresa e a persistência do lucro tem relevância para inferir potenciais retornos no mercado acionário. Assim, destaca-se que as empresas possuem diferentes ações estratégicas nas fases de crescimento, maturidade e estagnação (Jenkins, Kane & Velury, 2004).

Drake (2013), considerando a persistência dos lucros para as empresas na fase de introdução e crescimento, conta com o *link*, criado por Jenkins, Kane e Velury (2004), entre a estratégia da empresa e a valorização do mercado. Os participantes do mercado avaliam as empresas com base na confiança prevista nos ganhos futuros. Estudos de relevância em valor identificam vendas e fluxos de caixa como mais relevantes do que a rentabilidade na fase de crescimento. Na fase madura, as empresas concentram-se na minimização de custos e na rentabilidade; possuem os lucros maiores do que na fase de crescimento; têm menores conjuntos de oportunidades de investimento e uma taxa de declínio do investimento (Grullon, Michaely & Swaminathan, 2002); e, segundo Dickinson (2011), apresentam os mais altos níveis de persistência de lucros depois dos impostos.

As empresas na fase de amadurecimento e na fase de crescimento se comportam de forma contrária às empresas em fase de turbulência ou declínio, visto que centram seus objetivos na recuperação ou na sobrevivência (Drake, 2013). Os administradores, muitas vezes, procuram eficiência e estratégias de minimização de custos, reestruturando as operações (Jenkins, Kane, & Velury (2004). O declínio das empresas apresenta baixas margens de lucro e baixos salários, cujos investidores, novamente, focam-se nos fluxos de caixa como um sinal de rentabilidade futura (Black, 1998; Miller & Friesen, 1984).

### 3. Metodologia

A amostra usada neste trabalho consiste em empresas brasileiras com ações listadas na Bolsa de Valores de São Paulo (BM&FBOVESPA) durante o período de 2009 a 2013. Foram utilizadas as informações das demonstrações contábeis do banco de dados Economatica. Após os ajustes referentes aos modelos de regressão, usou-se 1.308 observações para os testes “t”, entre as fases do ciclo de vida das empresas; e 1.131 observações para a persistência dos lucros e a relação entre os BTDs e o ciclo de vida, que incorporam os mesmos dados usados nos estudos de Hanlon (2005), Dickinson (2011) e Drake (2013).

O estudo iniciou-se após a implantação das leis n.º 11.638/2007 e n.º 11.941/2009 e do Regime Tributário de Transição (RTT), uma vez que a demonstração do fluxo de caixa só foi obrigatória a partir das referidas leis. Nessa perspectiva, o período investigado começa em 2009, como base para explicar 2010, pois a obrigatoriedade das demonstrações foi estabelecida a partir de 2010. Tal critério garantiu uma contabilidade consistente para as *Book-Tax-Differences*, no período da amostra (Drake, 2013). Salienta-se que foram excluídas da amostra as empresas do setor financeiro, por apresentarem regulamentação contábil específica e regras contábeis e tributárias diferentes das dos demais setores, fatos que poderiam prejudicar a interpretação financeira das demais empresas.

Dickinson (2011) apresenta os modelos de estágio do ciclo de vida com base nos três componentes da demonstração do fluxo de caixa: os padrões de fluxo de caixa das operações, de investimento e de financiamento. Conforme Drake (2013), o modelo de fluxo de caixa fundamenta-se na combinação do sinal de cada um dos três componentes dos fluxos de caixa, com vistas a classificar as empresas em um dos cinco estágios de ciclo de vida: introdução, crescimento, maturidade, *shake-out* e declínio.

Exemplificado por Drake (2013), empresas na fase de introdução estão associadas a um fluxo de caixa negativo no operacional; negativo no de investimentos; e positivo nas atividades de financiamento. Empresas em fase de crescimento apresentam um fluxo de caixa positivo no operacional; negativo no investimento; e positivo no financiamento. As empresas na fase madura mostram-se positivas no fluxo de caixa operacional; negativo no de investimento; e negativo no fluxo de caixa de financiamento.

Da mesma maneira, a fase de *shake-out* possui três possibilidades de verificação: 1ª) negativo no fluxo de caixa operacional, negativo no fluxo de caixa de investimento e negativo no fluxo de caixa de fi-

nanciamento; 2<sup>a</sup>) positivo no fluxo de caixa operacional, positivo no fluxo de caixa de investimento e positivo no fluxo de caixa de financiamento; 3<sup>a</sup>) positivo no fluxo de caixa operacional, positivo no fluxo de caixa de investimento e negativo no de financiamento.

A fase de declínio possui duas possibilidades de análise: 1<sup>a</sup>) negativo no fluxo de caixa operacional, positivo no fluxo de caixa de investimento e positivo no fluxo de caixa de financiamento; 2<sup>a</sup>) negativo no fluxo de caixa operacional, positivo no de investimento e negativo no de financiamento. A Tabela 1 apresenta, resumidamente, os estágios do ciclo de vida e os sinais dos fluxos de caixa.

Tabela 1

**Medidas do Ciclo de Vida**

	<i>Intro</i>	<i>grow</i>	<i>Mat</i>	<i>Shake</i>	<i>shake</i>	<i>shake</i>	<i>Decl</i>	<i>Decl</i>
F.C.O	-	+	+	-	+	+	-	-
F.C.I	-	-	-	-	+	+	+	+
F.C.F	+	+	-	-	+	-	+	-

Onde: F.C.O. = Fluxo de Caixa Operacional; F.C.I. = Fluxo de Caixa de Investimentos; F.C.F. = Fluxo de Caixa de Financiamentos.

Fonte: Dickinson (2011).

No primeiro momento, foi aplicado um teste de diferença de média (teste “t”) para os BTDs totais, para verificar as variações entre os estágios do ciclo de vida de uma empresa (teste “t” para introdução e crescimento; teste “t” para crescimento e maturidade; teste “t” para maturidade e *shake-out*; teste “t” para *shake-out* e declínio; e teste “t” para crescimento e *shake-out*). Esses testes foram utilizados para avaliar a significância estatística entre duas médias amostrais. A presente pesquisa foi realizada e as hipóteses testadas com base nas informações descritas por Hanlon (2005), e depois testadas por Drake (2013), utilizando as médias dos ativos, para permitir a comparabilidade entre empresas e a utilização do teste “t”, buscando identificar se há variação dos meios entre os grupos de ciclo de vida.

No segundo momento, foi testada a hipótese da persistência nos lucros, que é basicamente a réplica de Hanlon (2005), na qual foi substituído o *Pre-Tax Book Income* (PTB) pelo Lucro Antes do Imposto de Renda (Lair) e pela Contribuição Social do Lucro Líquido (CSLL). Como parâmetro inicial para os testes, utilizou-se o p-valor da variável independente Lair. Com o objetivo de prever o lucro futuro com informações já existentes, foi elaborado um modelo com a premissa da persistência dos lucros e os estágios do ciclo de vida das empresas.

Explicando: Ciclo de Vida (CV) como indicador, variáveis definidas como 1, se a observação da empresa está em uma categoria particular de ciclo de vida, e 0, no caso contrário. Usando o Ciclo de Vida como categoria: 1 para empresa na fase “Introdução”; 2 para fase de “Crescimento”; 3 na fase “Madura”; 4 na fase de *shake-out*; e 5 na fase de “Declínio”. Omitindo-se a fase “Madura” (3), os coeficientes demonstrados estão todos em relação à fase madura.

Para o controle da relação entre grandes BTDs e persistências nos lucros pelos estágios do ciclo de vida das empresas, utilizou-se o modelo oferecido por Hanlon (2005), com o qual se verificou a relação negativa entre grandes BTDs com menor persistência nos lucros.

Drake (2013) descreve o *large positive* BTD (LPBTD), que será utilizado como indicador 1, se a empresa no período de observação tiver um quartil mais alto da escala do BTDs, e zero, ao contrário. O segundo grupo consiste em um quartil mais baixo, *large* BTD negativo (LNBTD), que é um indicador igual a 1, quando o período observado for no quartil mais baixo da escala BTD, e zero, ao contrário.

Na sequência investigou-se: quando controlado pelos estágios do ciclo de vida, o impacto da relação entre as diferenças grandes positivas e negativas (BTDs grandes) e a menor persistência nos lucros no modelo 4. Ressalta-se que o CV é uma variável indicativa definida como 1, se a empresa observada está em uma categoria particular do ciclo de vida, e 0 no caso contrário. Desta a forma, o interesse em capturar a persistência e os coeficientes são todos relativos à fase madura (Drake, 2013).

No teste da hipótese H2, os resultados dos dados tabulados foram equacionados, envolvendo todas as variáveis com as fases do ciclo de vida. Propiciou-se uma regressão da participação das fases do ciclo de vida, sendo estimados os coeficientes próprios menos precisos na comparação da persistência dos lucros em todas as fases do ciclo de vida, antecipando que, se o BTD é uma função do ciclo de vida, os coeficientes variam dentro do grupo do BTD.

Os testes foram analisados apoiando-se no modelo com dados em painel (Chow, Breush-Pagar e Hausmann), tendo em vista que esse modelo proporciona uma análise em séries de tempo para cada corte transversal e menos colinearidade entre as variáveis, além de um maior grau de liberdade e eficiência (Gujarate, 2006). A retirada das informações foi realizada por meio do *software* Stata.

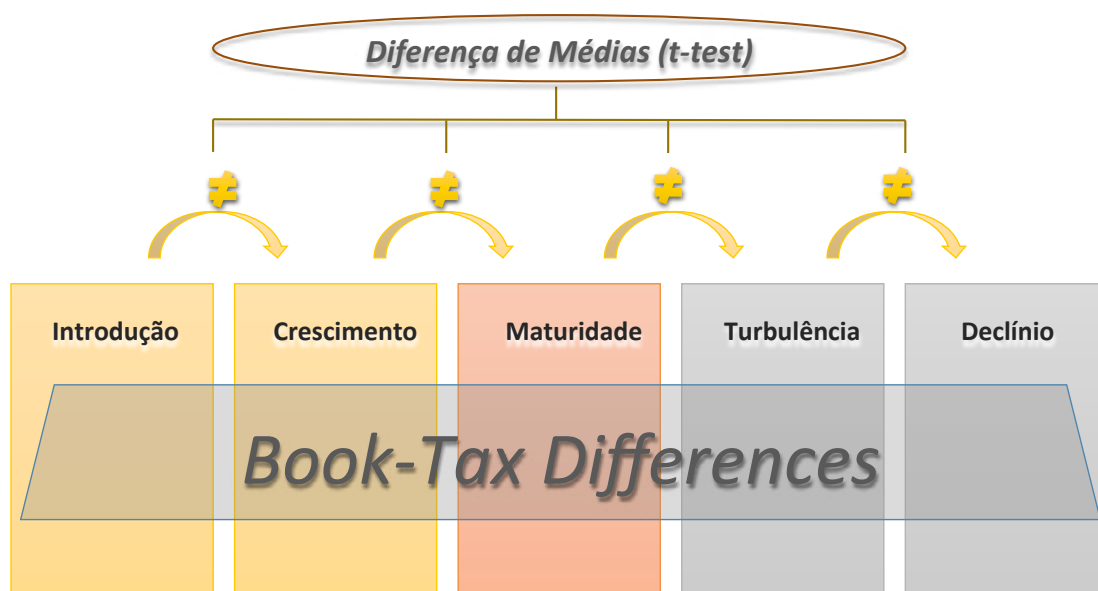
Após a seleção, chegou-se a um total 1.308 (mil trezentos e oito) observações para fazer os testes “t”, com vistas a verificar se os BTDs variam entre os estágios do ciclo de vida. Para o modelo de regressão na persistência nos lucros e pelos estágios do ciclo de vida, foram observadas 1.131 (mil cento e trinta e uma) empresas, para a verificação da relação entre grandes BTDs e persistências nos lucros pelos estágios do ciclo de vida.

## 4. Resultados

### 4.1 Análise da Consistência das Estimativas

A Figura 1 apresenta os meios das variáveis dos estágios do ciclo de vida, usando teste “t” para comparar os estágios significativos entre estágios do ciclo de vida. Inicialmente, o objetivo foi testar se as BTDs variam entre os estágios do ciclo de vida, sendo utilizado o teste “t” para verificar se, na média, os ciclos são iguais. O Modelo 1 apresenta como foram executados os testes.

A hipótese H1 defende que as médias são diferentes, isto é, os BTDs não variam entre os estágios. Espera-se que na introdução e no crescimento ocorra um aumento de BTDs em relação à maturidade (H1a) e também que na turbulência e no declínio ocorra uma redução na variável, sempre em relação com a maturidade (H1b).



**Figura 1.** Esquema do Modelo 1

Fonte: Autores

Em sequência, são apresentadas as tabelas dos testes de diferenças de média (teste “t”) para os BTDs. A Tabela 2 apresenta a estatística descritiva para a observação da diferença entre os BTDs-introdução e os BTDs-crescimento, para comparar o significado entre os estágios do ciclo de vida. A parte superior das tabelas mostrará o número de observações para cada estágio do ciclo de vida, as médias, quadrado dos erros, desvio-padrão e o intervalo de confiança para um alfa de 5%. A parte inferior apresentará os *p-values* para possíveis hipóteses alternativas (menor, diferente ou maior). Contudo, o objetivo deste modelo é testar inicialmente apenas a igualdade. Logo, observar-se-á exclusivamente a coluna do meio, destacada em negrito.

Tabela 2

**Teste “t” para Introdução e Crescimento**

Variável	Obs	Mean	Erro Pad.	Desv.Pad.	[95% Intervalo Confiança]	
btd_int	1308	-5779.77	2475.12	89516.11	-10635.43	-924.1164
btd_grow	1308	72518.66	21223.54	767576.5	30882.73	114154.6
diff	1308	-78298.43	21352.36	772235.7	-120187.1	-36409.77
<i>mean(diff) = mean(btd_int - btd_grow)</i>					t = -3.6670	
Ho: <i>mean(diff) = 0</i>						
Ha: <i>mean(diff) &lt; 0</i>		Ha: <i>mean(diff) ≠ 0</i>		Ha: <i>mean(diff) &gt; 0</i>		
Pr(T < t) = 0.0001		Pr( T  >  t ) = <b>0.0003</b>		Pr(T > t) = 0.9999		

Fonte: Autores

Na análise dos resultados do teste “t” para introdução e crescimento, verificou-se que os resultados descritos com um valor estatístico de  $t = -3.6670$  apontaram para a rejeição da igualdade das médias. Com isso, é possível inferir o nível de significância até de 1% e que a média do estágio de introdução é estatisticamente diferente da média do estágio de crescimento.

Analisando a média das empresas, na fase inicial possuem BTDs negativos e na fase de crescimento, uma média bem elevada. A Tabela 3 mostra os resultados do teste de diferença de média para os estágios de crescimento e maturidade.

Tabela 3

**Teste “t” para Crescimento e Maturidade**

Variável	Obs	Mean	Erro Pad.	Desv.Pad.	[95% Intervalo Confiança]	
btd_grow	1308	72518.66	21223.54	767576.5	30882.73	114154.6
btd_mat	1308	72189.93	21933.44	793250.9	29161.33	115218.5
diff	1308	328.7288	30651.68	1108557	-59803.14	60460.59
<i>mean(diff) = mean(btd_grow - btd_mat)</i>					t = 0.0107	
Ho: <i>mean(diff) = 0</i>						
Ha: <i>mean(diff) &lt; 0</i>		Ha: <i>mean(diff) ≠ 0</i>		Ha: <i>mean(diff) &gt; 0</i>		
Pr(T < t) = 0.5043		Pr( T  >  t ) = <b>0.9914</b>		Pr(T > t) = 0.4957		

Fonte: Autores

Para o teste “t” para crescimento e maturidade, os dados não sinalizaram a rejeição da igualdade das médias. Dessa forma, não é possível inferir que a média do estágio de crescimento é estatisticamente diferente da média do estágio de maturidade. A Tabela 4 apresenta os resultados do teste de diferença de média para os estágios de maturidade e *shake-out*.



Tabela 4

**Teste “t” para Maturidade e Shake-Out**

Variável	Obs	Mean	Erro Pad.	Desv.Pad.	[95% Intervalo Confiança]	
btd_mat	1308	72189.93	21933.44	793250.9	29161.33	115218.5
btd_shake-out	1308	1146.24	2101.647	76008.77	-2976.72	5269.22
diff	1308	71043.68	22036.77	796988.1	27812.37	114275
<i>mean(diff) = mean(btd_mat - btd_shake)</i>					t = 3.2239	
Ho: <i>mean(diff) = 0</i>						
Ha: <i>mean(diff) &lt; 0</i>		Ha: <i>mean(diff) ≠ 0</i>		Ha: <i>mean(diff) &gt; 0</i>		
Pr(T < t) = 0.9994		Pr( T  >  t ) = 0.0013		Pr(T > t) = 0.0006		

Fonte: Autores

No teste “t” para maturidade e *shake-out*, foi possível inferir, no nível de significância até de 1%, que a média do estágio de introdução é estatisticamente diferente da média do estágio de crescimento, rejeitando, portanto, a hipótese nula de igualdade. A Tabela 5 expõe os resultados do teste de diferença de média para os estágios de *shake-out* e declínio.

Tabela 5

**Teste “t” para Shake-Out e Declínio**

Variável	Obs	Mean	Erro Pad.	Desv.Pad.	[95% Intervalo Confiança]	
btd_shake	1308	1146.24	2101.64	76008.77	-2976.72	5269.22
btd_decl	1308	-4430.44	1444.59	52245.49	-7264.41	-1596.47
diff	1308	5576.69	2548.72	92177.87	576.652	10576.73
<i>mean(diff) = mean(btd_mat - btd_shake)</i>					t = 2.1880	
Ho: <i>mean(diff) = 0</i>						
Ha: <i>mean(diff) &lt; 0</i>		Ha: <i>mean(diff) ≠ 0</i>		Ha: <i>mean(diff) &gt; 0</i>		
Pr(T < t) = 0.9856		Pr( T  >  t ) = 0.0288		Pr(T > t) = 0.0144		

Fonte: Autores

Para o teste “t” para *shake-out* e declínio, os dados indicaram a rejeição da igualdade das médias. Dessa forma, para um alfa de 5%, é possível afirmar que a média do estágio de *shake-out* é estatisticamente diferente da média do estágio de declínio. A Tabela 6 exibe os resultados do teste de diferença de média para os estágios de *shake-out* e crescimento.

Tabela 6

**Teste “t” para Crescimento e Shake-Out**

Variável	Obs	Mean	Erro Pad.	Desv.Pad.	[95% Intervalo Confiança]	
btd_grow	1308	72518.66	21223.54	767576.5	30882.73	114154.6
btd_shake	1308	1146.24	2101.64	76008.77	-2976.72	5269.22
diff	1308	71372.41	21330.32	771438.5	29526.99	113217.8
<i>mean(diff) = mean(btd_mat - btd_shake)</i>					t = 3.3461	
Ho: <i>mean(diff) = 0</i>						
Ha: <i>mean(diff) &lt; 0</i>		Ha: <i>mean(diff) ≠ 0</i>		Ha: <i>mean(diff) &gt; 0</i>		
Pr(T < t) = 0.9996		Pr( T  >  t ) = 0.0008		Pr(T > t) = 0.0004		

Fonte: Autores

Os resultados do teste de diferença de média para os estágios de *shake-out* e crescimento apontam para a rejeição da igualdade das médias. Com isso, é possível inferir, ao nível de significância até de 1%, que a média do estágio de crescimento é estatisticamente diferente da média do estágio de *shake-out*.

A Tabela 7 apresenta o resumo dos testes de diferença de médias entre os pares de estágios de ciclo de vida, de acordo com Drake (2013). De forma adicional, apresentam-se também os testes de diferença de média para os BTDs temporários. Indicando um nível de significância de \* = 10%, \*\* = 5% e \*\*\* = 1%, na utilização de um teste bilateral.

Tabela 7

#### Testes “t” para Pares de Estágios

Variável	BTD	BTD (temporário)
1-2 Introdução e Crescimento	***	***
2-3 Crescimento e Maturidade		
3-4 Maturidade e <i>Shake-Out</i>	**	***
4-5 <i>Shake-Out</i> e Declínio	**	*
2-4 Crescimento e <i>Shake-Out</i>	***	***

Fonte: Autores

O teste “t” para pares de estágio confirmou a predição proposta pela literatura, isto é, a rejeição da hipótese nula de igualdade entre os estágios, com exceção do segundo teste para crescimento e maturidade, tanto para BTDs quanto para BTDs temporários. Ferreira et al. (2012) descrevem que os BTDs temporários ocorrem no momento do reconhecimento da receita e/ou despesas não correspondentes às normas.

Não foi possível constatar que na introdução e no crescimento tenha ocorrido um aumento de BTDs em relação à maturidade, como previa a H1a, ou que na turbulência e no declínio tenha ocorrido uma redução na variável, em relação também à maturidade (H1b), considerando que houve queda do estágio 2 (na fase de crescimento) para o 3 (na fase de maturidade). Consistente com a expectativa, observou-se os médios BTDs positivos, nas fases de crescimento, maturidade e *shake-out*; e negativos, na introdução e declínio. Nota-se que as variáveis tiveram valores significativos entre os estágios do ciclo de vida e, na média dos BTDs temporários, todos os estágios do ciclo de vida foram positivos. Além disso, percebe-se que as empresas maduras são geralmente mais velhas do que as empresas na fase de crescimento. Contudo, a não rejeição da hipótese nula de igualdade faz com que não seja possível afirmar o que aponta a redução na média de 2 (na fase de crescimento) para 3 (na fase de maturidade). Assim, pode-se dizer que as hipóteses do Modelo 1 foram satisfeitas.

## Modelo 2: Persistência Nos Lucros

Para examinar a persistência nos lucros, utilizaram-se 1.131 observações, por possuírem todas as variáveis de informação. O modelo de regressão aplicado neste estudo é basicamente uma replicação do que foi feito por Hanlon (2005), sendo substituído o nome *Pre-Tax Book Income* (PTBI) por Lucro Antes do Imposto de Renda (Lair). Foi tomado como base o ano de 2009 para responder ao ano de 2010.

A Tabela 8 apresenta os resultados desse modelo. Antes de efetuar a regressão de dados em painel, serão aplicados os testes de Chow, LM de Breusch-Pagan e Hausman, sob a abordagem dos efeitos aleatórios. E, para amenizar possíveis problemas de heterocedasticidade, os dados foram rodados com erros-padrão robustos.

Tabela 8

**Regressão Linear – Persistência nos Lucros**

lair_t+1	Coef.	Robust Std. Error.	z	P>  z	[95% Intervalo Confiança]	
lair_t	0.8242344	0.0604687	13.63	0.000	0.7057179	0.942751
_cons	58897.58	43317.41	1.36	0.174	-26002.99	143798.1
R <sup>2</sup> : <i>within</i> =	0.0071				<i>Number of obs</i> =	1131
<i>between</i> =	0.9767				<i>Wald chi2(13)</i> =	185.8
<i>overall</i> =	0.7395				<i>Prob &gt; chi2</i> =	0.0000

Fonte: Autores

Analisando os pontos obtidos com um intervalo de confiança de 5%, com um grau de liberdade 13, e com R<sup>2</sup> em uma medida de ajustamento do modelo com o *within* (por dentro) de 0,71%; *between* (entre os modelos) de 97,67%; e de uma maneira *overall* (geral), pode-se dizer que 73,95% da variação do lucro antes dos impostos em t+1 podem ser explicados pelo lucro no tempo “t”. E o coeficiente da variável Lair “t” indica que um aumento em 1 real no tempo “t” provocaria, em média, um aumento de 82 centavos no período seguinte.

Os resultados sinalizam que, primeiramente, o modelo é válido, uma vez que o *p-valor* do teste de Wald foi muito próximo de zero, indicando que o coeficiente é estatisticamente diferente de zero, significando que o teste rejeitou a hipótese nula de que todas as variáveis são conjuntamente iguais a zero. Com isso, é possível dar sequência à proposição deste trabalho.

### Modelo 3: Controle de persistência nos lucros pelos estágios do ciclo de vida

No trabalho, foram utilizados os mesmos dados que Drake (2013) empregou como categoria do ciclo de vida: 1 para a fase de introdução; 2 para fase de crescimento; 4 para a fase de *shake-out* (turbulência); e 5 para a fase de declínio, sendo omitida a categoria 3, que é a fase madura. Dessa maneira, de acordo com a autora, os coeficientes apresentados são todos em relação a empresas maduras. O objetivo deste modelo é verificar se a persistência nos lucros vai também variar entre os estágios do ciclo de vida.

Nas hipóteses H1a e H1b, esperava-se que, comparando as fases de introdução, crescimento, turbulência e declínio com a maturidade, a persistência seria maior nesta última. Para isso, foram incluídas variáveis *dummies* referentes aos estágios do ciclo de vida no modelo subjacente. Optou-se por omitir a *dummy* do estágio de maturidade, bem como sua interação com o Lair “t”, tendo em vista que o interesse das H1a e H1b faz menção a esse estágio. Com isso, naturalmente, seu resultado fica refletido pela constante, que assumiu o sinal predito como positivo.

A Tabela 9 apresenta os resultados do modelo de regressão supracitado. Cabe salientar que, também de forma semelhante ao primeiro modelo, utilizou-se a abordagem dos efeitos aleatórios, o que enseja a utilização dos mínimos quadrados generalizados, além, é claro, dos erros-padrão robustos para dirimir os efeitos da heterocedasticidade.

Tabela 9

**Regressão Linear Múltipla da Persistência nos Lucros, com Coeficientes Variando pelos Estágios do Ciclo de Vida**

lair_t+1	Sinal Previsto	Coef.	Robust Std. Error.	Z	P> z
lair_t	+	0.6459365	0.808077	7.99	0.000
intro	-	-287249.9	58857.67	-4.88	0.000
grow	-	-216887.4	60522.93	-3.58	0.000
shake	-	-195692.2	56249.83	-3.48	0.001
decl	-	-267631.5	61348.98	-4.36	0.000
lair_int	-	-0.4787761	0.1865684	-2.57	0.010
lair_grow	-	0.3092576	0.138522	2.23	0.026
lair_shake	-	-0.3032496	0.0814679	-3.72	0.000
lair_decl	-	-0.2462685	0.2705762	-0.91	0.363
_cons	+	216064.8	51341.67	4.21	0.000
R <sup>2</sup> : within =	0.0274			Number of obs =	1131
between =	0.9481			Wald chi2(13) =	2730.45
overall =	0.773			Prob > chi2 =	0.0000

Fonte: Autores

Na Tabela 9, são utilizadas as seguintes nomenclaturas: *dummy intro* = introdução; *dummy grow* = crescimento; *dummy shake* = *shake-out*, que neste caso trataremos como uma turbulência; *dummy decl* = declínio; *lair\_intro* = lucro antes do imposto de renda e introdução; *lair\_grow* = lucro antes do imposto de renda e crescimento; *lair\_shake* = lucro antes do imposto de renda e *shake-out*; *lair\_decl* = lucro antes do imposto de renda e declínio e; *cons* = constante. E, ainda, as seguintes variáveis: *lair\_t* = lucro antes do imposto de renda no tempo *t*; a *dummy Inbtd* = *large* negativa *Book-Tax Differences*; a *dummy lpbtd* = *large* positivo *Book-Tax Differences*; *ln\_lair* = *large* negativa e lucro antes do imposto de renda; *lp\_lair* = *large* positivo e lucro antes do imposto de renda, introdução, crescimento, *shake-out* (turbulência), declínio; *lair\_int* = lucro antes do imposto de renda e introdução; *lair\_grow* = lucro antes do imposto de renda e crescimento; *lair\_shake* = lucro antes do imposto de renda e *shake-out*; e *lair\_decl* = lucro antes do imposto de renda e declínio.

Ao inserir os dados de controle relacionados ao ciclo de vida de uma empresa, verificou-se que os coeficientes que se mostraram significativos para um nível de 1%, 5% e 10% foram na fase de introdução, crescimento, *shake-out* e declínio.

Os dados supõem a adequação dos resultados ao que fora previsto pela literatura, isto é, os coeficientes de interação entre as *dummies* de ciclo de vida e *Lair* foram negativos e significativos. O único que não se revelou significativo foi o coeficiente da variável de interação entre o *Lair* no ano “*t*” com a *dummy* do estágio de declínio (*lair\_decl*). Isso sugere menor persistência dos lucros para os estágios de introdução, crescimento, *shake-out* e declínio em relação à maturidade, representada pela constante (sinal positivo e significativo).

**Modelos 3 e 4: Controle da relação entre grandes BTDs e persistência nos lucros pelos estágios do ciclo de vida**

Com base nas informações obtidas, consideram-se as hipóteses 1 e 2 como confirmadas. Investigou-se, inicialmente, se, quando controlada pelos estágios do ciclo de vida, há a mitigação da relação entre as diferenças grandes, positivas e negativas (BTDs grandes), e a menor persistência nos lucros.

A Tabela 10 apresenta os resultados das regressões lineares múltiplas rodadas pelo método dos mínimos quadrados generalizados, sob a abordagem dos efeitos aleatórios. O primeiro modelo utiliza as variáveis de grandes BTDs (*large positive e large negative*), bem como suas interações com o Lair, no ano “t”, para captar a relação com a persistência nos lucros. Enquanto o segundo modelo acrescenta as variáveis de ciclo de vida, evidenciando, portanto a proposição deste estudo. Espera-se que o ciclo de vida explique, em parte, a relação entre BTD e persistência nos lucros.

A amostra foi dividida entre grupos de BTDs, em que LPBTD representa o grupo de observação com escala BTDs no quartil superior e o LNBTD representa o grupo do quartil inferior das observações anuais.

Ao analisar o efeito do ciclo de vida em relação à persistência dos BTDs/lucro, observou-se que os resultados não permitem corroborar os achados de Hanlon (2005) e Drake (2013), no que tange à relação negativa entre grandes BTDs e a persistência nos lucros, pois, embora os sinais dos coeficientes das variáveis de interação entre as *dummies* lnbtd e lpbtd com Lair tenham sido ambos negativos, não houve significância estatística. Contudo, a constante, que capta as informações de diferenças pequenas, mostrou-se significativa a 5% com sinal positivo, indicando uma relação positiva entre pequenos BTDs e uma maior persistência nos lucros.

Ademais, os coeficientes das variáveis de interação lnbtd\*lair e lpbtd\*lair dos dois modelos foram comparados entre as colunas, no intuito de testar a Hipótese 3. Assim, não foi possível manter os resultados encontrados em Drake (2013), dado que, no modelo base, tais coeficientes não se revelaram significativo e, no modelo com o controle pelo ciclo de vida, os sinais e os *p-values* se mantiveram não significativos.

Algumas são as possíveis explicações para tal resultado. A amostra utilizada em Drake (2013) contou com um período de dezesseis (16) anos, totalizando 4.638 empresas, com 22.415 observações no total, enquanto este estudo conta com apenas 4 (quatro) anos e com o total de 1.131 observações. Com isso, a segregação em 4 estágios (omitindo a maturidade) reduz ainda mais a quantidade de observações em cada estágio. Isso se deve à recente mudança na legislação societária (influenciada pelo CPC 32 – Tributos sobre lucros), que tenha causado impacto nas diferenças entre os lucros contábeis e fiscais (BTDs).

Tabela 10

**Regressões MQG para o Modelo Base e para o Modelo com o Controle pelo Ciclo de Vida**

Variável	Sinal Previsto	Coef.	Z	Sig	Sinal Previsto	Coef.	z	Sig
_cons	+	26221.66	2.24	0.025**	+	163916	5.65	0.000***
lair_t	+	0.8165327	12.57	0.000***	+	0.63638	7.98	0.000***
Lnbtd	-	-67574.33	-0.75	0.453	-	-46402.58	-0.56	0.578
Lpbtd	-	236180.1	1.4	0.162	-	258726.9	1.86	0.063*
ln_lair	-	-0.0071782	-0.85	0.398	?	-0.0141472	-1.36	0.173
lp_lair	-	-0.0016602	-0.72	0.472	?	-0.0013723	-0.5	0.621
Introdução	-				-	-235242.7	-4.9	0.000***
Crescimento	-				-	-220588.1	-3.81	0.000***
shake-out	-				-	-168610.2	-3.54	0.000***
Declínio	-				-	-219814.8	-4.23	0.000***
lair_int	-				-	-0.5294151	-3.54	0.000***
lair_grog	-				-	0.3120432	2.31	0.021**
lair_shake	-				-	-0.2952794	-3.73	0.000***
lair_decl	-				-	-0.3699466	-1.31	0.189

Fonte: Autores

## 5. Conclusão

O objetivo deste estudo foi analisar se a teoria do ciclo de vida pode explicar parcialmente a relação negativa entre BTDs e a persistência nos lucros. Para analisar esta hipótese, primeiramente foi estabelecida uma relação entre BTDs e o ciclo de vida de uma empresa.

As empresas em diferentes fases do ciclo de vida se envolvem em negociações econômicas fundamentalmente diferentes e essas negociações têm tratamentos distintos nas publicações dos relatórios contábeis e fiscais, que, por sua vez, fornecem explicações sobre se o estágio do ciclo de vida de uma empresa está vinculado ao seu nível de BTDs temporários.

É descrito na literatura que a persistência do lucro varia no estágio do ciclo de vida da empresa e nos *Book-Tax Differences*. Estabelecendo-se uma relação entre BTDs e o ciclo de vida da empresa, observou-se que o ciclo de vida fornece um quadro econômico entre a relação BTDs e a persistência nos lucros.

Os resultados mostraram uma relação entre BTDs e persistência nos lucros, variando nos estágios do ciclo de vida. As empresas com grandes BTDs positivos estão associadas a uma mudança para a fase de crescimento no período seguinte. Estes resultados, no Brasil, confirmam os achados de Hanlon (2005) e Drake (2013). Os modelos utilizados por Hanlon (2005), aprimorados por Drake (2013) e modificados para padrões do Brasil – trocando-se PTBI para Lair na legislação brasileira – para documentar o ciclo de vida explica parcialmente a relação BTDs e a persistência nos lucros. A mudança não é significativa, apenas funciona como um ajuste para os conceitos e terminologias da contabilidade brasileira.

O estudo desenvolvido fornece uma explicação alternativa do motivo de as empresas tentarem evitar mais impostos do que outras. Se os BTDs variam de acordo com o ciclo de vida, é interessante examinarmos efeitos de práticas agressivas de planejamento tributário na qualidade dos resultados contábeis. No geral, o estudo fornece um quadro econômico ao considerar BTDs, em geral, em conjunto com a identificação do ciclo de vida em que se encontra a empresa. A proposta é mais avançada que analisar, exclusivamente, a relação entre persistência dos lucros e os BTDs.

O estudo se diferencia por ser o primeiro estudo, salvo melhor juízo, com foco em uma realidade outra que não a norte-americana – no caso, a brasileira, que se concentra em analisar, em conjunto e de maneira integrada, os conceitos como BTDs, persistência de lucros e ciclo de vida das empresas.

Os resultados deste estudo remetem à necessidade de investigações futuras, considerando que o período da presente pesquisa tenha sido muito pequeno – de cinco anos –. Portanto, para novas pesquisas, faz-se necessário que a análise abarque um período maior, pois todas as pesquisas, como a de Drake (2013), consideram o período entre 1994 e 2010; e as de Dickinson (2011), o período entre 1998 e 2005.

## 6. Referências

- Anthony, J & Ramesh, K. (1992). Association between accounting performance measures and stock prices: a test of the life cycle hypothesis. *Journal of Accounting and Economics*, 15(2-3), pp. 203-227. doi: 10.1016/0165-4101(92)90018-W
- Atwood, T.; Drake, M. S.; Myers, (2010) L. A. Book-tax conformity, earnings persistence and the association between earnings and future cash flows. *Journal of Accounting and Economics*, 50(1), pp.111-125. doi: 10.1016/j.jacceco.2009.11.001
- Black, E. (1998). Life-cycle impacts on the incremental value-relevance of earnings and cash flow measures. *Journal of Financial Statement Analysis*, 4, pp. 40-57.
- Dickinson, V. (2011), *Cash flow patterns as a proxy for firm life cycle*. *The Accounting Review*, 86(6), pp.1969-1994. doi: 10.2308/accr-10130.

- Drake, K. D. (2013) *Does firm life cycle explain the relation between book-tax differences and earnings persistence?* University of Arizona Eller College of Management Department of Accounting, Tucson, AZ.
- Ferreira, F.R., Martinez, A. L. Costa, F. M. da, & Passamani, R. (2012). Book-tax differences e gerenciamento de resultados no mercado de ações do Brasil. *Revista de Administração de Empresas*. [online]. 52(5), pp. 488-501.
- Grullon, G.; Michaely, R.; Swaminathan, B. (2002) Are dividend changes a sign of firm maturity? *The Journal of Business*, 75(3), pp. 387-424. DOI: 10.1086/339889
- Gujarati, D. (2006) *Econometria básica*. Maria José Cyhlar Monteiro (trad.). 4ª.ed. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Hanlon, M. (2005) The persistence and pricing of earnings, accruals, and cash flows when firms have large book-tax differences. *The Accounting Review*, 80(1), pp.137-166. doi/pdf/10.2308/accr.2005.80.1.137
- Heltzer, W. (2009) Conservatism and book-tax differences. *Journal of Accounting, Auditing and Finance*, 24(3), pp. 469-504. doi:10.1177/0148558X0902400307
- Jenkins, D., Kane, & Velury, U. (2004). The impact of the corporate life-cycle on the value-relevance of disaggregated earnings components. *Review of Accounting and Finance*, 3(4), pp. 5-20. doi: http://dx.doi.org/10.1108/eb043411
- Lei n. 11.638, de 28 de dezembro de 2007. (2007, 28 de dezembro). Altera e revoga dispositivos da Lei no 6.404, de 15 de dezembro de 1976, e da Lei no 6.385, de 7 de dezembro de 1976, e estende às sociedades de grande porte disposições relativas à elaboração e divulgação de demonstrações financeiras. *Diário Oficial da União*, seção 1
- Lei n. 11.941, de 27 de maio de 2009. (2009, 28 de maio). Altera a legislação tributária federal relativa ao parcelamento ordinário de débitos tributários; concede remissão nos casos em que especifica; institui regime tributário de transição, alterando o Decreto no 70.235, de 6 de março de 1972, as Leis nos 8.212, de 24 de julho de 1991, 8.213, de 24 de julho de 1991, 8.218, de 29 de agosto de 1991, 9.249, de 26 de dezembro de 1995, 9.430, de 27 de dezembro de 1996, 9.469, de 10 de julho de 1997, 9.532, de 10 de dezembro de 1997, 10.426, de 24 de abril de 2002, 10.480, de 2 de julho de 2002, 10.522, de 19 de julho de 2002, 10.887, de 18 de junho de 2004, e 6.404, de 15 de dezembro de 1976, o Decreto-Lei no 1.598, de 26 de dezembro de 1977, e as Leis nos 8.981, de 20 de janeiro de 1995, 10.925, de 23 de julho de 2004, 10.637, de 30 de dezembro de 2002, 10.833, de 29 de dezembro de 2003, 11.116, de 18 de maio de 2005, 11.732, de 30 de junho de 2008, 10.260, de 12 de julho de 2001, 9.873, de 23 de novembro de 1999, 11.171, de 2 de setembro de 2005, 11.345, de 14 de setembro de 2006; prorroga a vigência da Lei no 8.989, de 24 de fevereiro de 1995; revoga dispositivos das Leis nos 8.383, de 30 de dezembro de 1991, e 8.620, de 5 de janeiro de 1993, do Decreto-Lei no 73, de 21 de novembro de 1966, das Leis nos 10.190, de 14 de fevereiro de 2001, 9.718, de 27 de novembro de 1998, e 6.938, de 31 de agosto de 1981, 9.964, de 10 de abril de 2000, e, a partir da instalação do Conselho Administrativo de Recursos Fiscais, os Decretos nos 83.304, de 28 de março de 1979, e 89.892, de 2 de julho de 1984, e o art. 112 da Lei no 11.196, de 21 de novembro de 2005; e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, seção 1
- Miller, D.; Friesen, P. (1984) A longitudinal study of the corporate life cycle. *Management Science*, 30(10), pp. 1161-1183. doi: http://dx.doi.org/10.1287/mnsc.30.10.1161
- Passamani, R. R.; Martinez, A. L.; Teirxeira, A. J. C. (2012). Book-tax differences e a relevância informacional no mercado de capitais no Brasil. *Anais do Congresso Brasileiro de Contabilidade*, Belém, PA, Brasil, 19.
- Porteba, J.M., Rao, N & Seidman, J. (2011). Deferred tax positions and incentives for corporate behavior around corporate tax changes. *National Tax Journal*, 64, pp. 27-58.
- Raedy, J.; Seidman J.; Shackelford, D. (2011). Is there information content in the tax footnote: *Working paper*, University of North Carolina.